

XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

GRUPO DE TRABALHO (08): Trabalhadores, Sindicatos e Ações Coletivas

FLEXIBILIDADE, GÊNERO E FAMÍLIA: O TRABALHO DOMICILIAR NO SETOR DE CONFECÇÃO

Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas

(Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Professora de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia- IFG)

INTRODUÇÃO

O processo de reestruturação produtiva, cuja principal característica é a flexibilização, provocou a revitalização de formas pretéritas de trabalho com o objetivo de reduzir os custos da produção, transferindo para os/as trabalhadores/as despesas com equipamentos e instalações, bem como desresponsabilizando as empresas pelos custos sociais do trabalho formalizado. Soma-se a isto, o fato de que este trabalho aparece como uma alternativa efetiva para resolver os problemas e os custos gerados pela sazonalidade da produção.

Além disso, a subcontratação via trabalho a domicílio é estimulada, sobretudo pelo desenvolvimento das inovações tecnológicas que, ao invés de reduzir as condições precárias em que as atividades laborais são desenvolvidas, parece reforçá-las cada vez mais por meio da fragmentação dos processos de trabalho.

A flexibilidade, produto dos processos de reestruturação produtiva, não está presente somente na organização, nos métodos e nos contratos de trabalho, mas abrange também outras esferas da vida dos trabalhadores e das trabalhadoras (Harvey, 1992; ANTUNES; ALVES, 2004). Ao recuperar e revitalizar formas pretéritas de organização do trabalho, como o domiciliar, o capital consegue penetrar em um dos campos mais íntimos da vida dos/as trabalhadores/as: o espaço da casa. Esse processo provoca mudanças decisivas na dinâmica da convivência familiar, nos momentos de lazer, nos momentos reservados para o descanso, etc.

Embora já saibamos, devido ao número expressivo de pesquisas realizadas, que a indústria de confecção utiliza, desde sua emergência, o trabalho a domicílio como principal forma de subcontratação do trabalho (ABREU E SORJ, 1994; ABREU, 1986), faz-se necessário estudar as peculiaridades desse processo no município de Jaraguá, município do Estado de Goiás especializado na produção de peças jeans, uma vez que a reestruturação do processo produtivo acontece de forma heterogênea e apropriada de diferentes maneiras as especificidades de cada lugar. Dito de outra

forma, o objetivo aqui é observar como alguns determinantes globais têm implicações em um locus específico.

Assim, o objetivo deste texto é explorar, à luz do caso de Jaraguá¹, a organização do trabalho a domicílio, buscando identificar e entender como a fragmentação de diferentes etapas de trabalho sustenta e dinamiza o setor de confecção no município. Para tanto, este texto pretende discutir, tendo por base as informações do Censo Demográfico de 2010 e a análise de entrevistas semiestruturadas, o perfil dos/as trabalhadores/as que utilizam o ambiente da casa como espaço de trabalho, bem como suas condições objetivas de vida e de trabalho.

TRAÇOS DO OCULTO: PERFIL DOS/AS TRABALHADORES/AS A DOMICILIO DE JARAGUÁ

A flexibilização do trabalho, principalmente por meio das subcontratações familiares, é o aspecto que melhor caracteriza a dinâmica do polo de confecção de Jaraguá e também de outras cidades com tradição no segmento, tais como apontam os trabalhos de NUNES e CAMPOS (2006); ARAÚJO E AMORIM (2002); LEITE, (2004); SPINDEL, (1993) e SILVA, (1991).

No caso de Jaraguá, constata-se um paradoxo: o trabalho a domicílio dissemina-se cada vez mais, a partir da ampliação das extensas redes de subcontratação; porém, permanece invisível diante das práticas sindicais e das políticas de regulamentação do trabalho. Contudo, embora invisível ele é o principal pilar que sustenta o setor de confecção de Jaraguá.

Os Censos demográficos realizados no Brasil vêm, desde a década de 1970, investigando os deslocamentos que as pessoas realizam para trabalhar. Neste sentido, é possível saber a periodicidade do retorno para casa e o tempo gasto neste deslocamento. No último Censo, realizado em 2010, foram introduzidas novas opções de resposta a esta questão: uma que permite identificar trabalhadores/as que, em função da natureza da atividade que realizam, precisam fazer deslocamentos para vários municípios, e outra que

¹ Artigo proveniente de parte de minha Tese de Doutorado defendida em 2015 no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

permite identificar, entre os/as trabalhadores/as que trabalham no mesmo município que residem, os que exercem sua atividade produtiva no próprio domicílio.

A possibilidade de identificar as pessoas que trabalham no domicílio dá visibilidade para uma série de questões que antes não podiam ser conhecidas, devido às peculiaridades do trabalho realizado no âmbito da casa. De agora em diante, é possível saber o sexo, a idade, o rendimento, a área de atuação e várias outras características destes(as) trabalhadores(as) que não eram conhecidas pelas estatísticas oficiais.

No Estado de Goiás, considerando os domicílios urbanos², 520.061 pessoas, 19,3% do total de ocupados, declararam trabalhar no próprio domicílio. Deste total, as mulheres são maioria, ocupando 53% dos casos analisados. Outra constatação interessante é a que diz respeito à ocupação: depois dos números referentes a “ocupações mal definidas” (11,4%), a ocupação mais significativa é a de operadores de máquina de costura, com 46.182 trabalhadores(as).

Considerando o município de Jaraguá, 4.382 pessoas, 12,4% do total de ocupados, declararam trabalhar no próprio domicílio. Destes(as) trabalhadoras(es), 30,4% afirmaram estar envolvidos com atividades ligadas ao setor de confecção. Dentre esses, verificamos que a presença de homens (45,3%) é significativa. No entanto, as mulheres (54,7%) são maioria, perfazendo 9,4 pontos percentuais a mais que eles nesta atividade, conforme tabela abaixo:

TABELA 1- JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo no setor de confecção do vestuário

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	601	45,3%
Feminino	726	54,7%
Total	1327	100%

Fonte: Censo 2010, IBGE. Elaboração da autora.

²O foco deste estudo são os domicílios ocupados na zona urbana.

Considerando o quesito cor, observou-se que o trabalho a domicílio absorve de maneiras diferentes os segmentos raciais: compõe-se de 65,6% de negros, enquanto que os brancos representam somente 34,7% dos casos, conforme elucida a tabela abaixo:

TABELA 2 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo a cor no setor de confecção de artigos do vestuário

COR	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Negra	867	65,6%
Branca	460	34,7%
Total	1320	100%

Fonte: Censo 2010 Elaboração da autora.

Quando as variáveis sexo e cor são combinadas, temos que: as mulheres negras (35,9%) têm uma participação mais significativa nas facções domiciliares, seguidas dos homens negros (29,7%), das mulheres brancas (19%) e dos homens brancos (15,8%). Isso indica que os grupos que se encontram na base da pirâmide de rendimentos são maioria nesta ocupação, e os que ocupam o topo são minoria.

TABELA 3 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo cor e sexo no setor de confecção de artigos do vestuário

SEXO	COR	
	Branca	Negra
Masculino	209 15,8%	392 29,7%
Feminino	251 19%	475 35,9%
Total	460 34,8%	866 65,6%

Fonte: Censo, 2010 Elaboração da autora.

Esses dados estão de acordo com o debate teórico que elucida o fato de as pessoas de cor negra serem maioria nas ocupações desregulamentadas, mal remuneradas e desprotegidas. Ao enfatizar a situação da mulher negra, observamos que elas têm participação mais expressiva no trabalho a domicílio em Jaraguá e deste modo, está submetida a condições desfavoráveis e vulneráveis de trabalho.

No que diz respeito à idade, a maior parte das pessoas que trabalham a domicílio em Jaraguá tem entre 25 e 39 anos, seguidas por aquelas que, no caso das mulheres, têm de 40 a 59 anos e, no caso dos homens, de 20 a 24 anos.

TABELA 4 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo, cor e idade no setor de confecção do vestuário

IDADE	SEXO							
	Masculino				Feminino			
	Branco		Negro		Branca		Negra	
Até 9	0	0,0%	0	0,0%	0	0 %	0	0,0%
10 a 14	26	34,5%	49	65,5%	4	28,1%	9	71,9%
15 a 19	29	28,1%	75	71,9%	16	27,7%	41	72,3%
20 a 24	47	53,9%	40	46,1%	12	53,5%	10	46,5%
25 a 39	99	40,7%	145	59,3%	154	39,4%	236	60,6%
40 a 59	8	10,7%	68	89,3%	66	27,3%	177	72,7%
60 ou mais	0	0%	15	100%	0	0,0%	1	100%
Total	209	34,8%	392	65,2%	251	34,6%	475	65,4%

Fonte: Censo 2010 Elaboração da autora.

É importante observar também a presença de pessoas, sobretudo do sexo masculino, de 10 a 14 anos de idade envolvidas com este tipo de trabalho. É interessante ressaltar que entre os menores de idade que atuam no setor os negros são maioria. Na faixa que vai de 10 a 14 anos, os meninos negros representam 65,5% dos ocupados, enquanto que os brancos constituem 34,5% do total. Entre as meninas que estão nessa mesma faixa de idade, as negras representam 71,9% das ocupadas e as brancas apenas 28,1%. Esse é um elemento explicativo das altas taxas de evasão escolar entre as crianças negras, pois, devido a condição de rendimento desfavorável de suas famílias, estão mais propícias a abandonar a escola para trabalhar.

Além disso, a tabela acima permite observar que os negros, independente do sexo, entram mais cedo no mercado de trabalho e nele permanece mais tempo. Esse talvez seja um elemento importante para explicar as desigualdades educacionais entre brancos e negros. Os negros precisam abandonar os estudos mais cedo para trabalhar, enquanto os brancos dedicam mais tempo ao processo formativo e, por isso, têm melhores oportunidades de

trabalho e remuneração (HENRIQUES, 2001). Os dados abaixo sobre credências de escolaridade expressam essa realidade.

No que diz respeito ao nível de instrução, os dados revelam a predominância da baixa escolaridade, sobretudo entre os negros. O nível de escolaridade que concentra o maior número de trabalhadores(as) é o “sem instrução e fundamental incompleto”. Entre os homens que estão nessa faixa de escolaridade, 23,7% são brancos e 76,3% são negros. Ao analisar a distribuição para as mulheres, observamos a mesma tendência: 23,4% são brancas e 76,6% são negras, tal como revela a tabela abaixo:

TABELA 5 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo, cor e escolaridade no setor de confecção do vestuário

ESCOLARIDADE	SEXO							
	Masculino				Feminino			
	Brancos		Negros		Brancas		Negras	
Sem instrução e fundamental incompleto	75	23,7%	243	76,3%	95	23,4%	309	76,6%
Fundamental completo e médio incompleto	21	27,7%	54	72,3%	55	44,9%	68	55,1%
Médio completo e superior incompleto	113	54,4%	94	45,6%	97	54,1%	82	45,9%
Superior completo	0	0%	0	0,0%	0	0%	16	100%
Não determinado	0	0%	0	0,0%	5	100%	0	0%
Total	209	34,8%	392	65,2%	251	34,6%	475	65,4%

Fonte: Censo 2010. Elaboração da autora.

A situação se inverte, quando observamos a distribuição no nível “médio completo e superior incompleto”, em que: o homem branco corresponde a 54,4% dos casos, enquanto o negro representa 45,6%; entre as mulheres que estão distribuídas nesse nível de escolaridade, observamos que as brancas constituem 54,1% dos casos e as negras representam 45,9% dos casos.

Ainda sobre esse quesito, é importante destacar a presença exclusiva de mulheres negras no nível mais elevado de escolaridade (superior completo). Por um lado, isso confirma a tendência de que as mulheres são mais escolarizadas que os homens. Por outro, revela uma das faces mais perversas do racismo presente no mercado de trabalho brasileiro, qual seja, a permanência de mulheres negras qualificadas em postos de trabalho que exigem pouca qualificação formal. Isso fica evidente quando constatamos que não há nenhuma mulher branca de nível superior completo trabalhando a domicílio em Jaraguá, diferentemente do que acontece com as negras, uma vez que 3,4% delas têm formação superior e estão alocadas neste tipo de atividade. As pesquisas que articulam gênero e raça mostram que as mulheres negras são maioria em postos de trabalho mais precários e invisíveis socialmente, tal como o trabalho a domicílio (PINTO, 2006).

Sobre os rendimentos, observa-se que tanto homens, quanto as mulheres são maioria na faixa salarial que vai de 3 a 5 salários mínimos; embora exista uma quantidade expressiva de mulheres concentradas na faixa salarial que vai de 1 a 2 salários mínimos (35,9%), tal qual demonstra a tabela abaixo:

TABELA 6 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo e rendimento no setor de confecção do vestuário

FAIXA DE RENDA	SEXO			
	Masculino		Feminino	
	Frequência	%	Frequência	%
1 a 2	183	30,5%	261	35,9%
3 a 5	246	40,9%	267	36,8%
6 a 9	148	24,6%	184	25,4%
Mais de 10	24	4,0%	14	1,9%
Total	601	100,0%	726	100,0%

Fonte: Censo 2010. Elaboração da autora.

Vale mencionar também o fato de que na faixa salarial mais alta no município para o setor percebemos uma presença maior dos homens, que somam 4%, enquanto que as mulheres somam 1,9%.

Quando incluímos a categoria raça na análise, a desigualdade entre os rendimentos auferidos por negros e brancos também fica evidenciada:

TABELA 7 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo, cor e rendimento no setor de confecção do vestuário

Faixa de Renda	SEXO							
	Masculino				Feminino			
	Brancos		Negros		Brancos		Negros	
1 a 2	62	34,1%	121	65,9%	67	25,8%	194	74,2%
3 a 5	73	29,8%	172	70,2%	79	29,6%	188	70,4%
6 a 9	49	33,3%	99	66,7%	91	49,5%	93	50,5%
Mais de 10	24	100%	0	0,0%	14	100%	0	0,0%
Total	209	34,8%	392	65,2%	251	34,6%	475	65,4%

Fonte: Censo 2010. Elaboração da autora

Nas faixas salariais mais baixas, tanto os homens negros (65,9%) como as mulheres negras (74,2%) são maioria. Já na faixa salarial mais alta (mais de 10 SM), ocorre justamente o contrário: as pessoas de cor branca ocupam posição exclusiva nessa faixa, sendo o homem branco o que tem participação mais expressiva. Esse aspecto mostra os processos discriminatórios presentes no mercado de trabalho como um todo e no setor de Jaraguá em especial. A ausência de pessoas negras, independente do sexo, nessa faixa salarial desnuda o fato de que recorrentemente a população negra encontra barreiras para acessar as ocupações melhor remuneradas. Indica ainda que a mulher, independentemente da cor, segue ganhando menos que os homens em vários setores do mercado de trabalho brasileiro

Uma das questões presentes na discussão sobre o trabalho a domicílio é a natureza informal e desregulamentada das atividades. Essa situação de completa vulnerabilidade, quando se considera a questão da proteção social, fica evidente quando observamos as taxas de contribuição à previdência social, tal qual demonstra a tabela abaixo:

TABELA 8 - JARAGUÁ: Ocupados(as) no trabalho a domicílio segundo sexo, cor e contribuição à previdência social no setor de confecção do vestuário

Contribuição à Previdência	SEXO							
	Masculino				Feminino			
	Branco		Negro		Branco		Negro	
Sim	36	70,7%	15	29,3%	30	66,7%	15	33,3%
Não	150	33,8%	293	66,2%	151	25,3%	447	74,7%
Total	185	37,5%	308	62,5%	181	28,2%	462	71,8%

Fonte: Censo 2010 Elaboração: Própria

Os dados revelam que, independente do sexo e da raça, a grande maioria dos(as) trabalhadores(as) não contribui com a previdência social. Entretanto, os dados revelam uma tendência geral em que: as mulheres, mesmo sendo maioria neste tipo de trabalho, contribuem menos que os homens, e os negros são mais desprotegidos que os brancos.

Isto indica que, em caso de alguma impossibilidade para o trabalho, essas pessoas não podem contar com nenhum tipo de assistência previdenciária.

Após a apresentação do breve perfil dos/as trabalhadores/as, a parte que segue destina-se a apresentar as etapas da cadeia produtiva de peças jeans de Jaraguá que são realizadas nos diferentes domicílios.

O PERCURSO DE UMA PEÇA JEANS: CONHECENDO A CADEIA DE PRODUÇÃO DE JARAGUÁ

O setor de confecção do município de Jaraguá revela a existência de uma cadeia de trabalho que começa nas fábricas formalizadas e termina nos fabricos domiciliares que funcionam em condições desregulamentadas. A pesquisa realizada revela a existência de três diferentes etapas do processo de produção que são realizadas nos domicílios: a montagem, a etapa inicial do acabamento e a parte final do acabamento.

O objetivo desta sessão é apresentar as peculiaridades de cada uma dessas etapas, demonstrando como elas estão intimamente relacionadas e

evidenciar a existência de uma ampla cadeia de produção, caracterizada por diferentes níveis de precariedade.

As facções de montagem

Esta etapa do processo de produção consiste na montagem da peça, cuja estrutura já vem previamente estabelecida pela empresa contratante por meio de um modelo, denominado “peça piloto”. Os(as) trabalhadores(as) recebem a peça piloto, o tecido, já cortado, e as linhas necessárias para a montagem da peça em seus domicílios.

As(os) trabalhadoras(es) executam essa atividade utilizando a máquina de costura que fica localizada em qualquer local disponível da casa. Não raro, o trabalho é desenvolvido por todos os moradores, incluindo os adolescentes que sabem operar a máquina de costura.

Tendo em vista as etapas executadas no domicílio, a facção de montagem é a que oferece aos(às) trabalhadores(as) os melhores rendimentos, embora as condições de exercício da atividade sejam extenuantes. Os valores pagos pelas contratantes variam de 4 a 6 reais por peça costurada. Esse valor não é apropriado pelo(a) trabalhador(a) de forma integral, devido aos custos com a eletricidade, aviamentos, remuneração dos(as) ajudantes e com as constantes necessidades de manutenção nas máquinas de costura.

Nesta etapa do processo produtivo identificamos um equilíbrio na presença de homens e mulheres. É frequente encontrar formatos em que o casal trabalha junto e compartilha a responsabilidade pela facção. Entretanto, os dados qualitativos apontam que entre os homens mais jovens é mais fácil a identificação com o trabalho na costura. Já os mais velhos, mesmo tendo uma participação importante na atividade, não se identificam diretamente com a ocupação, cuja responsabilidade é sempre atribuída à mulher ou à filha, e explicam sua participação a partir da perspectiva da ajuda, do apoio, do “quebra-galho”. Este fato indica uma possível relação de transversalidade entre as dimensões de gênero e de geração no setor pesquisado.

A efetiva participação dos homens no trabalho de confecção, talvez indique um tímido processo de desconstrução da ideia, socialmente reforçada, de que “costurar é trabalho de mulher”. No entanto, é possível encontrar algumas permanências no que diz respeito à tradicional divisão sexual do trabalho: nas facções domiciliares, os homens fazem quase todas as tarefas externas à residência: fazer e receber pagamentos, executar a compra de materiais necessários para a produção, comunicar-se com a empresa ou empresário contratante, dentre outras questões. Já para as mulheres, fica reservada a constante presença no local de produção e a conciliação do trabalho na costura com as atividades domésticas.

Foi possível identificar também que é nesta fase de produção que se concentram as maiores remunerações, já que esta etapa requer um mínimo de especialização, embora muitas mulheres já tenham trazido da própria socialização o aprendizado da costura e o transferido para seus companheiros e filhos(as). Entretanto, encontramos algumas raras situações em que o homem é que transfere o aprendizado da costura para a mulher, tal qual revela o trecho a seguir:

Não quero falar que mulher é melhor, mas tem gente que às vezes pensa que mulher tem mais treino com costura, né. Eu tenho mais tempo de costura do que minha mulher. Eu praticamente estou ensinando ela a costurar. Não é falar que ela é melhor do que eu, mas eu tenho bem mais prática que ela. Mas de ganhar salário, tem mulher que ganha melhor que a gente, não tem nada a ver. Isso aí depende de cada pessoa. (Homem, 38 anos)

Outra importante questão é que as casas das famílias que trabalham nas facções em Jaraguá estão se transformando em fabricos de costura, pois em algumas casas identificamos a presença não só dos moradores na execução do trabalho, mas também de vizinhos, parentes e amigos.

Esse formato às vezes reúne 10 ou mais trabalhadores(as), que executam as atividades de maneira completamente informal, tendo por base acordos verbais de trabalho, fundamentados somente nas relações de confiança.

Essas pessoas, chamadas de auxiliares ou ajudantes, trabalham 8 horas por dia de segunda a sexta-feira, em troca de uma remuneração fixa mensal

previamente definida. Já os(as) responsáveis pela facção, que neste formato, são também contratantes de mão-de-obra, recebem o valor referente ao número de peças produzidas no período de 30 dias.

Esses(as) assistentes, iniciam o trabalho às 7 horas da manhã, param às 11 hrs para o almoço, retomam às 12:30 e trabalham até às 17:15 sem intervalo. Nas épocas de maior produção, a jornada de trabalho pode ser ampliada para o período noturno e para os finais de semana.

As facções que operam segundo essa lógica, são uma realidade cada vez mais frequente em Jaraguá, e estabelecem vínculos de trabalho completamente desregulamentados, considerando que essas pessoas atuam em um ambiente inadequado e estão completamente desassistidas no que diz respeito aos direitos trabalhistas, previdenciários e sindicais. O desejo de ter o próprio negócio, de alcançar autonomia e de lucrar cada vez mais obscurece a total desregulamentação do trabalho nesses pequenos fabricos.

Essas facções domiciliares são altamente funcionais para os empresários que subcontratam esse tipo de trabalho. A unidade domiciliar, que agrega outras pessoas para seu grupo de trabalho, toma para si uma série de encargos que, em tese, deveriam ser da empresa contratante, que, por sua vez, reduz os custos e aumenta cada vez mais a produtividade e os lucros.

A etapa inicial do acabamento

As peças jeans saem das facções de montagem e seguem para as lavanderias, onde são tratadas conforme a recomendação dos contratantes. Ao sair da lavanderia, essas peças são direcionadas à fase inicial do acabamento, que consiste na realização das seguintes atividades: pregar botão, rebite e etiqueta e, por fim, passar e tirar as pontas das linhas que ficam expostas nas peças (esta etapa é transferida para outros(as) trabalhadores(as) a domicílio, como veremos adiante).

Essa atividade também é executada por mais de um membro da família e é muito comum a contratação informal de outras pessoas, vizinhos ou outros parentes, para colaborar na produção. Nesta fase, também constatamos a presença da utilização de mão-de-obra infantil, sobretudo de meninos.

A remuneração oferecida pela contratante para a realização destas atividades varia de 0,80 centavos a 1,20 por peça. Os equipamentos utilizados são de responsabilidade dos(as) trabalhadores(as). Constatamos nesta etapa do trabalho uma intensificação da jornada de trabalho para que os rendimentos provenientes da atividade sejam suficientes para subsidiar as necessidades familiares ao longo do mês.

Constatamos um equilíbrio na presença de homens e mulheres no exercício desta etapa da produção. O predomínio da baixa escolaridade é uma constante ao lado dos ínfimos rendimentos, que são bem menores em comparação com os rendimentos das facções.

Outra questão importante identificada nesta etapa é a que chamo de extensão da cadeia de subcontratação, pois a última etapa do acabamento é transferida para outros domicílios em troca de uma parca remuneração, e onde encontramos as piores condições de trabalho, tal qual veremos no tópico seguinte.

Etapa final do acabamento: a precária situação “das catadoras de linha”

Entre as atividades do acabamento, a que mais chama a atenção do ponto de vista da precariedade, é a atividade chamada entre os trabalhadores e trabalhadoras de “catar linha”. Tal atividade corresponde à última etapa do processo de confecção de uma peça jeans e diz respeito à limpeza da peça costurada cortando as pontas que sobram das linhas. Essa etapa é realizada majoritariamente por mulheres negras e seus filhos pequenos.

Para a realização dessa atividade, as trabalhadoras preferem as áreas externas da casa, em função da maior luminosidade e ventilação. Sendo de fácil execução, a referida função não exige qualificação, bastando apenas que a trabalhadora saiba manusear uma pequena tesoura, específica para cortar linha, adquirida por elas mesmas.

Por não exigir qualquer tipo de qualificação, qualquer pessoa, inclusive criança, pode exercer tal atividade por uma remuneração que varia de 0,20 a 0,25 centavos por peça. As trabalhadoras desta etapa são recrutadas pelas pessoas responsáveis pela fase inicial do acabamento, que preferem distribuir essa atividade entre várias mulheres para ter um retorno imediato, uma vez

que essa atividade é cansativa, demorada e exige muito zelo e cuidado, características socialmente associadas ao gênero feminino.

É nesta etapa que encontramos as condições mais precárias de trabalho e remuneração, conforme revela o quadro a seguir:

Como já foi dito, as mulheres predominam nesta atividade, sendo em sua maioria casadas, com filhos pequenos e com rendimentos inferiores a 2 salários mínimos. No que diz respeito à cor, foi possível verificar que existe uma concentração de mulheres negras nessa atividade e, não por acaso, essa é a fase mais precária de toda a cadeia produtiva de confecção existente em Jaraguá. Essa constatação está compatível com tendência encontrada em âmbito nacional, em que as mulheres negras, acumulando desvantagens e vulnerabilidades, estão na base da pirâmide social.

A precariedade revela-se também na situação da moradia, que na maior parte das vezes é alugada e não apresenta infraestrutura adequada. Um fato importante é que essas mulheres são recrutadas na parte periférica da cidade, pois é principalmente nesses lugares que residem as famílias mais pobres, cujos(as) os(as) chefes estão desempregados(as), não possuem qualificação profissional, vieram da área rural, têm filhos pequenos e vão facilmente aceitar este trabalho em troca de tão desprezível remuneração.

As peças chegam às residências por meio de intermediários, normalmente homens, que controlam através de um cartão a quantidade e data de entrega e devolução das peças. Um cartão com as mesmas informações é entregue também para a trabalhadora responsável para que possa também controlar e organizar seu trabalho. Essa foi a configuração mais organizada que encontrei, pois em muitos casos foi possível constatar a entrega de peças sem nenhum tipo de controle, tendo por base os acordos verbais, fundamentados nas relações de confiança .

É nesta etapa da confecção do jeans que as trabalhadoras estão mais sujeitas a danificar acidentalmente uma peça. Caso o cálculo não seja exato, a tesoura pode não tirar somente o excesso de linha, mas também uma parte do tecido da peça jeans. Quando isso acontece, a trabalhadora é responsável pelo defeito e deve pagar ao contratante o valor referente à comercialização da peça.

Constatamos assim, que os riscos no trabalho são claramente transferidos para as trabalhadoras. Essa situação a deixa vulnerável e pode diminuir sobremaneira os rendimentos auferidos pela execução da atividade, tal como demonstra o trecho a seguir:

A responsabilidade da gente é muito grande, igual teve um dia, a única vez que me aconteceu de eu estragar uma peça, era coisinha de nada, se eu não falasse ele nem ia ver. Mas eu mostrei, mas aí ele falou assim: eu vou levar lá na empresa e vou ver se vai passar, eu não vou falar nada, se passar você está livre, se não passar é 50 reais. Aí em quantas peças eu tenho que trabalhar para pagar essa que eu estraguei. Mas aí passou, eu não tive que pagar nada não. Mas a pressão e a responsabilidade é muito grande. A gente já não ganha quase nada, se estragar peça aí que não dá nada mesmo. (Mulher, 66 anos)

Entretanto, algumas pessoas disseram criar estratégias para resolver ou disfarçar os defeitos para que ele não fique visível e passe pela conferência normalmente. Isto acontece porque elas não acham justo pagar o valor correspondente à peça por um pequeno defeito facilmente ajustável com um pedaço do mesmo tecido ou costura manual mais elaborada.

Foram identificadas nessa cadeia condições aviltantes de trabalho, pois para ganhar meio salário mínimo as mulheres precisam trabalhar muito, conforme demonstra o relato a seguir:

Já teve mês deu tirar 800 reais, mas foi muito puxado, tem que trabalhar fora do limite. Igual sexta feira passada mesmo, eu torrei de tanto trabalhar, até que chegou uma hora que eu falei não aguento mais não, vou deitar. Amanheci moída. Mas a base de tirar isso aqui é uns 400, 400 e pouco, para trabalhar mais tranquila. E para mim tirar 400 reais eu tenho que catar 2000 peças de roupa, menina 2000 peças de roupa enche essa área aqui. (Mulher, 34 anos.)

Foi possível observar também nesta etapa a extensão da subcontratação, pois trabalhadoras que recebiam as peças de uma facção de acabamento, repassavam parte deste trabalho para vizinhos ou familiares residentes em outros domicílios, que recebiam em troca de uma remuneração bem inferior aos valores auferidos pela empresa contratante.

O que foi possível notar, então, é que existe uma ampliação da cadeia de subcontratação, com níveis de precarização de trabalho que vão

aumentando à medida que a cadeia se torna mais extensa, conforme demonstra o relato a seguir:

Tem gente que pega muita peça e distribui na vizinhança, se eu fizesse isso eu também estava terceirizando, aí eu tinha que pagar barato para eu ganhar. Agora como que eu recebo 0,20 eu vou pagar quantos para ela...eu tenho dó de chegar na pessoa que precisa ganhar o dinheiro e dizer eu pago 0,10. Isso acontece muito aqui, eu sei de uma mulher que eu conheço ela muito, ela tira base de 600 reais em cima disso aí, mas ela pega de muitos acabamentos e ela distribui nas casas e paga 0,10 centavos. Eu acho um absurdo. (Mulher, 66 anos).

Embora sejam diferentes e interdependentes, as etapas mencionadas têm inúmeras similaridades. Além de ter a casa como locus do trabalho, as análises empíricas apontaram semelhanças na trajetória profissional e de vida desses trabalhadores e trabalhadoras; na forma como gerem as relações familiares e as relações de trabalho; na forma como usam o tempo; na jornada de trabalho; nos papéis de gênero e na divisão ou não das tarefas domésticas, dentre outras questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apresentadas e discutidas neste artigo permitem afirmar que o trabalho familiar, flexível e desregulamentado é a mola propulsora do setor de confecção de Jaraguá. As condições de trabalho descritas nas diferentes fases da produção de uma peça jeans garantem com seus baixos rendimentos a lucratividade e a competitividade do setor.

A organização do trabalho nos domicílios obedece a lógica forjada pela flexibilidade da produção no contexto de reestruturação, pois ela define, conforma, e estrutura as relações de trabalho e produção ali desenvolvidas, uma vez que a regra é clara: transferir os custos e riscos da produção para os(as) trabalhadores(as), com o objetivo de alcançar maiores lucros.

A hipótese de que as mulheres são maioria nas situações informais de trabalho também se confirma, contudo a novidade reside na significativa presença do trabalho masculino no trabalho de confecção, que não indica

necessariamente ausência de desigualdades, mas uma nítida divisão sexual do trabalho: os homens, apesar de operarem continuamente a máquina de costura, são prioritariamente responsáveis pelas demandas externas do trabalho, além de não participarem das atividades domésticas, ficando essas a cargo de mulheres que utilizam os horários de descanso para realizar tais atividades. Sobre esse aspecto, é importante mencionar que a sobrecarga de trabalho sobre as mulheres passa quase sempre despercebida, pois elas encaram essas atividades como parte de sua condição de mulher.

O processo de flexibilização da produção fez convergir duas esferas importantes da vida social: o espaço da casa e o espaço do trabalho. As consequências desse processo é a dificuldade que os/as trabalhadores/as têm de construir limites entre tempo de trabalho e não-trabalho. Esse aspecto é apropriado pelo capital como mais uma alternativa de lucratividade com reflexos diretos na dinâmica e na configuração das famílias dos pesquisados e pesquisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva; JORGE, Angela Filgueiras; SORJ, Bila. Desigualdade de Gênero e Raça - O Informal no Brasil em 1990. *Estudos Feministas* 53 N. E /1994.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

_____; SORJ, Bila. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas do Rio de Janeiro. In: ABREU, Alice de Paiva; SORJ, Bila (Org.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993. p. 49-61.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

NUNES, Jordão Horta; CAMPOS, Andréia Ferreira. O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar. *Sociedade e Cultura*, v. 9, n. 2, jul/dez. 2006, p. 237-255.

LEITE, Marcia de Paula. Tecendo a precarização: trabalho a domicilio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. In: *Trabalho, educação e saúde*. Fiocruz, Rio de Janeiro: V.2, n.1, p-239-265, 2004b. Disponível em: www.revista.epsjv.fiocruz.br/

PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú-MG, 2006.

SILVA, Eliane M. Operárias da agulha. *Revista de História*, Campinas, IFCH/UNICAMP, n.2/3, p. 217-237, 1991.

SPINDEL, Cheywa. "O 'uso' do trabalho da mulher na indústria do vestuário". In: Carmen Barroso & Albertina de Oliveira Costa (orgs.) *Mulher, mulheres*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1983.